

---

# Milhas de angústia no Rio implacável de Clarice e na Lisboa de Ruffato

*Miles of anguish in Clarice's relentless Rio and Ruffato's Lisbon*

Andreia Castro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Júlia Garcia Santos

Universidade Federal Fluminense

## DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a519>

## RESUMO

Este artigo apresenta uma proposta de análise comparativa sobre a paisagem nas obras *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, advinda das pesquisas desenvolvidas no projeto Páginas Paisagens em Movimento, com bolsa fomentada em parceria pelo Real Gabinete Português de Leitura e pela Fundação Calouste Gulbenkian. Considerando, sobretudo, as reflexões sobre paisagem de Collot, Tuan e Marandola, defendemos que os dois escritores criam travessias em que a geografia externa e a interna se perpassam, fundem-se e se confundem, apresentam espaços de afeto, de reflexão e de epifania, sem, exatamente, sobrepor descrições e fatos, mas expandindo o olhar sobre as relações, as interações entre as pessoas na cidade e com a cidade, que se alarga, progressivamente. Sendo possível afirmar que, tanto em *A hora da estrela* quanto em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, os dramas vividos pelos protagonistas nos lembram que a dor da invisibilidade e da marginalização é a mesma em todo o mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagem; Clarice Lispector; Luiz Ruffato; Marginalização

**ABSTRACT**

This article presents a proposal for a comparative analysis of the landscape in the works *A Hora da Estrela*, by Clarice Lispector, and *Estive em Lisboa e lembrei de você*, by Luiz Ruffato, arising from research carried out in the project Páginas Paisagens em Movimento, with a grant sponsored in partnership with the Real Gabinete Português de Leitura and the Calouste Gulbenkian Foundation. Considering, above all, the reflections on landscape by Collot, Tuan and Marandola, we argue that the two writers create crossings in which the external and internal geography pass through each other, merge and blend, presenting spaces of affection, reflection and epiphany, without exactly superimposing descriptions and facts, but expanding the look on the relationships, the interactions between people in the city and with the city, which is progressively expanding. It is possible to state that both in *A hora da Estrela* and in *Estive em Lisboa e lembrei de você*, the dramas experienced by the protagonists remind us not only that the pain of invisibility and marginalization is the same all over the world.

**KEYWORDS:** Landscape; Clarice Lispector; Luiz Ruffato; marginalization

Dialogando com o conceito de topofilia desenvolvido por Yi-Fu Tuan, em *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, Eduardo Marandola Jr., em “Viagens por Paisagens: experiências do sentir e do querer”, aponta que a viagem, como deslocamento de longa duração, corresponderia “ao lançar-se ao desconhecido, ao perigo máximo expresso pela saída do lugar” (2013, p. 3). O migrante, ao mover-se, deixaria o lugar de proteção e segurança, lançando-se ao mundo, aos perigos do desconhecido, sem “sistemas de proteção, sem tais quais aqueles constituídos em torno do lar” (MARANDOLA JR., 2013, p. 3). Já Edward Said, ao discorrer sobre suas memórias em *Fora do lugar*, assinala que, juntamente dos deslocamentos da geografia dos afetos, as desarticulações vividas na

linguagem são as principais cisões enfrentadas por aqueles que deixam a sua terra natal: “Cada pessoa vive sua língua; suas experiências, em função disso, são vividas, absorvidas e lembradas nessa língua” (2004, p. 14).

Em consonância com Marandola Jr. e Said, Clarice Lispector, em *A Hora da Estrela*, faz com que o leitor acompanhe os passos de uma nordestina que não tinha o “doce balanço” ou o “corpo dourado” da garota de Ipanema. A paisagem pela qual Macabéa passa também não se traduz em sinuoso deleite. Na verdade, através da trajetória da datilógrafa alagoana, o romance comprova que o Rio de Janeiro também podia ser bastante inóspito e implacável. Em *A Hora da Estrela*, o embate causado pela dominação do centro sobre a periferia e a falta de pertencimento do indivíduo em trânsito servem de premissa para as discussões filosóficas e existenciais, bem ao gosto de Clarice. A dor do isolamento, da inadequação e das opressões sociais só tem alento quando Macabéa observa o porto e o mar carioca, espaços que não apenas remetem ao seu local de origem, mas também significam saídas e rotas de fuga de uma realidade esmagadora.

Devo registrar aqui uma alegria. É que a moça num aflitivo domingo sem farofa teve uma inesperada felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris. Experimentando o leve êxtase, ambicionou logo outro: queria ver, como uma vez em Maceió, espocarem mudos fogos de artifício. (LISPECTOR, 1995, p. 35).

A alagoana é atropelada pela realidade de uma cidade, que é, ao mesmo tempo, maravilhosa, para os seus moradores e visitantes ilustres e abastados, e violenta, para os marginalizados. Considerando mais uma vez os estudos de Yi-Fu Tuan, é possível afirmar que Macabéa e, até mesmo, o narrador chegam a nutrir um sentimento topofóbico pelo Rio de Janeiro, e sem, de fato, entender, a persona-

gem só consegue vislumbrar um futuro feliz na evasão desse espaço que chegava a ser mais inóspito do que a segura do sertão:

O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro. (O que é que há? Pois estou como que ouvindo acordes de piano alegre – será isto o símbolo de que a vida da moça iria ter um futuro esplendoroso? Estou contente com essa possibilidade e farei tudo para que esta se torne real (LISPECTOR, 1995, p. 30).

Macabéa tinha a rua do Acre para morar, a rua do Lavradio para trabalhar, mas somente o cais do porto, onde, no domingo, ia espiar “um ou outro prolongado apito de navio cargueiro” (LISPECTOR, 1995, p. 46), proporcionava-lhe alguma esperança. Mesmo circulando em ambientes povoados por outros desfavorecidos, a personagem não conseguia interagir com alguém. Mas, ainda assim, gostava da movimentação, dos ruídos os quais serviam para comprovar que tanto ela como a cidade estavam vivas:

Ela era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos. Eram vida. Enquanto o silêncio da noite assustava: parecia que estava prestes a dizer uma palavra fatal. Durante a noite na rua do Acre era raro passar um carro, quanto mais buzinassem, melhor para ela. (LISPECTOR, 1995, p. 49).

A alagoana só teve a sua solidão um pouco aplacada quando encontrou um par, iguais em quase tudo na vida. Embora se tratasse de um relacionamento também fadado ao fracasso, é com o também nordestino Olímpico que Macabéa consegue desenvolver algum laço. A mesma origem e o mesmo sofrimento que os levou a migrar para a capital fluminense, de alguma forma, os irmanava:

As poucas palavras entre os namorados versavam sobre farinha, carne-de-sol, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância, porque esta, já que passou, é sempre acre-doce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que, – só agora estou percebendo – não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão. (LISPECTOR, 1995, p. 64).

Considerando a paisagem, um curioso fato também unia o casal. Ambos não sabiam passear e admirar os encantos da Cidade Maravilhosa. Logo quando se conhecem, em um dia chuvoso, Olímpico e Macabéa escolhem perambular por lojas bastante incomuns para tal finalidade: um açougue e uma loja de ferramentas. Quando finalmente conseguem ir a um lugar mais propício para um passeio, um fato desconcertante acontece com a moça, frustrando a tentativa de romance:

E uma vez os dois foram ao Jardim Zoológico, ela pagando a própria entrada. Teve muito espanto ao ver os bichos. Tinha medo e não os entendia: por que viviam? Mas quando viu a massa compacta, grossa, preta e roliça do rinoceronte que se movia em câmara lenta, teve tanto medo que se mijou toda. (LISPECTOR, 1995, p. 71).

Contudo, o alagoano, ambicioso e totalmente ciente de sua condição, consegue vislumbrar meios para sobreviver na cidade grande. Para trapacear e aplicar pequenos golpes, o “malandro” tira coragem de “cabra-macho” do fato de já ter matado alguém quando vivia na sua terra natal. Já Macabéa, criada pela sua tia por conta do falecimento dos seus pais quando ainda bebê, não carrega suas raízes nordestinas e nunca teve voz ou vez. Mostra-se completamente perdida, automatizada e desarticulada na sua própria vida:

Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humildade – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. (LISPECTOR, 1995, p. 29).

A todo momento, a personagem de Clarice é apresentada como um ser errante. Uma migrante sem conhecimento da sua cultura, que apenas existe e acha que viver é sofrer por se estar-no-mundo. Do ponto de vista das sensações, nem a cor, nem o cheiro, nem o gosto, eventualmente associados à Macabéa e aos espaços em que ela circula são agradáveis. Isso não se aplica à carioca Glória. Ainda que igualmente periférica, a beleza e desenvoltura social fazem com que ela seja apreciada e desejada por todos a sua volta. Do mesmo modo, o subúrbio carioca habitado pela moça também é farto e tentador:

É que na suja desordem de uma terceira classe de burguesia havia, no entanto, o morno conforto de quem gasta todo o dinheiro em comida, no subúrbio comia-se muito. Glória morava na rua General não-sei-o-quê, muito contente de morar em rua de militar, sentia-se mais garantida. Em sua casa até telefone tinha. Foi talvez essa uma das poucas vezes em que Macabéa viu que não havia lugar no mundo e exatamente porque Glória tanto lhe dava. Isto é, um farto copo de grosso chocolate de verdade misturado com leite e muitas espécies de roscas açucaradas, sem falar num pequeno bolo. (LISPECTOR, 1995, p. 83).

A comparação entre as duas personagens também permite entender como, em *A Hora da Estrela*, há uma relação corpo/paisagem. Descrita como “seca” e “sem corpo”, Macabéa parece representar o sertão árido e pouco fértil. A moça é como um cacto transplantado para a floresta tropical. Já o corpo voluptuoso de Glória, um verdadeiro oásis para o retirante Olímpico, está relacionado à cidade também marcada pela miscigenação:

Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. (LISPECTOR, 1995, p. 76).

Nessa relação corpo e paisagem, outra personagem entra em cena: a cartomante. Madama Carlota trazia em seu corpo as marcas da época em que vivia “no Mangue”, um espaço marcado pela prostituição. A sua nova casa era repleta de objetos plásticos que parecem denotar a passagem do seu passado como prostituta e seu presente como charlatã: de amores falsos e de falsa fé. A tentativa da cafetina de encobrir a decadência de seu corpo, sem dentes, com a pele enrugada e corpo flácido, através de artifícios, como acessórios, roupas e maquiagem, também parece estar a par e passo com o inútil esforço das prostitutas que tentavam arrumar e acender incensos para trazer algum charme e disfarçar o odor do lugar na tentativa de cativar a clientela:

Continuemos, pois, embora com esforço: madama Carlota era enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda com vermelho vivo e punha nas faces oleosas duas rodela de ruge brilhoso. Parecia um bonecão de louça meio quebrado. (LISPECTOR, 1995, p. 91).

Outro fator é mostrado quando Macabéa repara na casa da cartomante: tudo é feito de plástico. A decoração e a personagem são mostrados como um símbolo de riqueza, vida, fartura e sucesso inexistentes, já que plástico e os outros “luxos” que apresenta não são nada, apenas coisas enganosas. Dessa forma, assim como Madama Carlota, que é fiel a Deus e às cartas, a sua crença, vida e sucesso são

ilusórios. Toda a sua casa, roupas, joias e objetos são feitos para dar esperanças aos que veem de fora.

Enquanto isso olhava com admiração e respeito a sala onde estava. Lá tudo era de luxo. Matéria plástica amarela nas poltronas e sofás. E até flores de plástico. Plástico era o máximo. Estava boquiaberta. (LISPECTOR, 1995, p. 90).

Também é nas ruas da cidade que Macabéa é abatida por um automóvel, símbolo da velocidade, da potência e do luxo. Uma sarjeta de um beco escuro do Rio de Janeiro foi sua última morada:

enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a – e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. (LISPECTOR, 1995, p. 98).

Enquanto está deitada no chão, entre pessoas que só a observam – e finalmente a veem –, a protagonista lembra-se do único lugar que te dá esperanças: o cais do porto e o mar. Desse modo, apenas na hora de sua morte é que ela encontra esse desejo, na sua hora de estrela, ela encontra a sua imagem. A morte permite que ela alcance a si mesma e sua representação na cidade, não como um nada, mas, sim, como uma mulher nordestina. Dessa forma, é apenas no final, quando recebe boas notícias, que é tragicamente atropelada, conhecendo, assim, pela primeira vez, a felicidade, ao finalmente não ser mais invisível no Rio de Janeiro.



Um movimento muito semelhante ao de Clarice faz Luiz Ruffato no romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, publicado em 2009. As errâncias decorrentes do processo de desterritorialização física e cultural são narradas, em fluxo contínuo, por Sérgio de Souza Sampaio, um mineiro de Cataguases, que se arrisca a “demudar pra Portugal” (RUFFATO, 2009, p. 27) na esperança de conseguir um trabalho com remuneração satisfatória e de ascensão social no retorno ao Brasil, mas que acaba por mergulhar em uma existência ainda mais subalternizada, solitária, marginalizada e linguisticamente deslocada.

Iludido pela conversa de um dono de bar sobre as facilidades que encontrariam os brasileiros em Portugal, o narrador decide partir rumo a um objetivo, porém sem encontrar os meios necessários para alcançá-lo, como ele mesmo afirma: “na-raça, sem amparo” (RUFFATO, 2009, p. 16). Ironicamente, as opções de emprego elencadas pelo “seu Oliveira” não são as mais valorizadas no Brasil: “no que enfileirou pedreiro, bombeiro, eletricista, ladrilheiro, pintor-de-parede, motorista, garçom (os homens), arrumadeira, atendente de loja, manicure, cabeleireira, tomadeira-de-conta-de-criança e garçonete (as mulheres)” (RUFFATO, 2009, p. 26). Somente “no estrangeiro” e “ganhando em euro” essas opções se tornaram desejáveis.

Interessante também notar como essa trajetória migratória se constitui textualmente através da comparação com o hábito do consumo de cigarros. No romance, tensionando os mitos da meritocracia, a superação das reações adversas, as recaídas e a tenacidade, comumente associadas à jornada de quem decide lutar contra a dependência em nicotina, são também metáforas para os desafios de quem resolve emigrar. O fato de que o livro se inicia e se encerra com a confissão de retorno ao consumo de cigarros bem como a sua divisão em “Como parei de fumar” e “Como voltei a fumar” parecem ser indícios claros dessa intenção. Mas não são os únicos. O desejo

de Sérgio de “viajar pra fora”, de ter contato com tudo o que o Brasil não ofereceria e de voltar com alguma distinção é motivado pelo encontro com um contrabandista do produto:

O rapaz, bem-falante, óculos escuros, motorista uniformizado, me mostrou o maço preto, caligrafia dourada, ‘Conhece?’, respondi que *de-vista*, me ofereceu um, aceitei, agradei. ‘Aqui no Brasil não tem desses’, garganteou, perguntei onde ele *adquiria*, explicou que carreava, fretado, o povo da cidade dele, Presidente Prudente, praqui e prali, ‘Até pro Paraguai’, e negociamos uma garrafa de Cavallo Branco, que, dizem, é o melhor uísque que existe, não sei, não estimo o paladar, comprei mais pra não desfeitear o coitado, e de brinde ofertou seis cigarros *picados* (que resguardei pra exibir aos amigos, pintoso, por anos), e acho que, naquele dia, pela primeira vez, me roeu uma vontade danada de viajar pra-fora, invejoso da ladinice do fulano. (RUFFATO, 2009, p. 17, grifos do autor).

Do mesmo modo, a revisitação memorialística feita pelo protagonista, quando se inicia o tratamento da adição, estabelece uma relação entre a sua vivência na cidade de Cataguases e os tipos e marcas de cigarro conhecidos por ele:

Saí do prédio, atravessei a praça Rui Barbosa, aviei a receita na Drogeria do Povo, quase desistindo por causa da carestia, e, em cima da minha Biz, vagueei sem pressa pela cidade, lembrando todas as marcas que me acompanharam vida afora, desde os matarratos da infância, os sem-filtro afanados do meu pai e das visitas domingueiras, até os John Player Special que vestiam a Lotus do Emerson Fittipaldi, campeão da Fórmula 1 em 1972, cartaz que ilustrava a parede do quarto que dividia com meu tio Zé-Carlim, irmão caçula da minha mãe, fanático por automobilismo, e que, por ironia, morreu cedo. (RUFFATO, 2009, p. 16).

A falta de oportunidades somada ao peso das faltas e dos insucessos, sobretudo em um lugar onde não só todos se conhecem, mas julgam a conduta alheia, fazem com que a permanência de Sérgio em sua pequena cidade natal se torne insuportável. Assim como o consumo de cigarros, aquela vivência também o levaria “logo-logo (a) contrair uma doença grave, um enfisema, um câncer” (RUFFATO, 2009, p. 15). Para se livrar daquele mal, era preciso lançar mão do mesmo recurso terapêutico indicado pelo amigo médico em relação ao vício: “Aproveita que está de férias’, pra tomar um porre, ‘Fume o máximo que conseguir’, porque, no dia seguinte, de ressaca, provavelmente não ia poder nem sentir cheiro de fumaça” (RUFFATO, 2009, p. 16). Seguindo duplamente o conselho do Dr. Fernando, para se livrar de todo aquele mal-estar, Sérgio procura se embriagar, intoxicar-se da cidade “namorando amadoristicamente” mais de uma dezena de mulheres, revelando também uma parcela da paisagem humana de Cataguases:

Se a desilusão com a Karina me impingiu a certeza de que no Brasil vence o mais bem motorizado, ao mesmo tempo me apartou por lustros de compromissos sérios, quando apenas namorei amadoristicamente (da lista a seguir consta somente o nome daquelas com quem mantive relação afetiva por, no mínimo, um mês): Josélia, operária da Industrial, e Selene, da Manufatora; Ana Clara, colega da Pagadoria, desquitada; Kátia e Maíra, balconistas na rua da Estação; Silvana, Kênia e Lídice, estudantes de letras da Fafic (tomei antipatia por pedagogia); Mariana e Janaína, Janaína, professoras, uma primária, outra secundária; Zilma, cabeleireira (casada, fato por mim desconhecido e sinceramente deplorado); Verônica, auxiliar de enfermagem; Leda, caixa-de-banco, encostada no INSS, problema de coluna; Bia, que mexia com enfeites de biscoí; Irineia, proprietária de uma banca-de-camelô, perto do Mercado do Produtor; e Bete, que olhava pessoas doentes. (RUFFATO, 2009, p. 21-22).

O resultado de tal procedimento foi o mesmo nos dois casos. Da mesma forma que o uso excessivo de bebida e nicotina trouxe malefícios imediatos à saúde do narrador, a profusão de amores teve como consequências a união quase involuntária com uma mulher de “ideia fraca”, a chegada de um filho acidental e a imperiosa necessidade de prover o futuro para aquela malfadada família:

Por azar, engravidou justo a Noemi, do-lar, vizinha nossa, malfadada no bairro, que engraçou comigo quando finalmente consegui trocar a Biz por uma 125 retirada novinha em folha da concessionária, filha do seu Ponté Carvalho, caboclo das-antigas, bronco e sistemático, que adentrou a sala, munido de um trabuco, zurrando que ia haver matrimônio, ‘Nem que seja na delegacia!’, contra a geral opinião que opunha dúvida à paternidade, assustando minha mãe, que, ciosa de decoros e honradezas (Irmã de Maria), mandou o homem beber um copo de Maracugina e submeteu à palavra dela a combinação de data, ‘Filho meu não falta com família de ninguém!’ (RUFFATO, 2009, p. 22).

Após uma sucessão de tragédias – a internação de Noemi em uma clínica de repouso, a perda da guarda do filho para a família materna e a demissão por justa causa do trabalho na “Seção de Pagadoria da Companhia Industrial de Cataguases” (RUFFATO, 2009, p. 15) –, só havia dois caminhos para Sérgio: a aceitação passiva do total falhanço ou o êxodo. Obviamente, o narrador optou pela fuga. Durante os preparativos da viagem, a notícia correu por Cataguases, fazendo com que Sérgio fosse valorizado pelos conterrâneos – estes que antes o desprezavam – e até mesmo fosse convidado à rádio da cidade, para falar sobre a sua façanha. O narrador é, então, aclamado pela sua terra natal e reconhecido pela sua coragem, embarcando com esperança do seu plano dar certo e poder voltar o mais rápido possível para o Brasil.

Como Tânia Regina Oliveira Ramos e Amanda Cadore observam, ao tomar a decisão de partir para a Europa, Sérgio é notado como mais um cidadão de Cataguases que será bem-sucedido e que trará dinheiro para a cidade. “Não é em vão o seu prestígio entre os políticos locais” (2010, p. 150). O trecho da despedida na estação rodoviária ilustra muito bem essa visão:

E, na manhã que parti, impossível esquecer, uma multidão amontou na frente de casa, a rua enformigada que nem dia de festa de São Cristóvão, faixas estendidas, ‘A Taquara Preta se orgulha de Serginho, seu filho querido — Vereador Professor Anacleto’, ‘A Associação dos Moradores da Taquara Preta saúda Serginho — Vereador Todinho do Gás’, o taxista, prevenido da importância do *transportado*, engalanou de terno e gravata, aguardando, compenetrado, o término do rapapé, abraços comovidos e apertos de mão emocionados, aconselhamento e chororô, e, quando adentramos o carro, a Semíramis e o Josias, endomingados, fizeram questão de acompanhar, alastraram as palmas e os assobios, ‘Vai, Serginho!’, pipocou o foguetório, ‘Viva o Serginho!’, uma latomia, soluçando, minha irmã falou, ‘Até parece casamento’, e, confesso, eu, que não costumo dobrar a essa bobiça de sentimentalismos, desatei o nó da garganta, e umas lágrimas extravasaram, reclamei, ‘Ô merda, sô!’ (RUFFATO, 2009, p. 35, grifos do autor).

Mas, em pouquíssimo tempo, a efêmera alegria da nomeada daria lugar ao ressentimento. “O ‘mal-estar’ no país de origem se desloca para o sentimento que o imigrante brasileiro desenvolve por sua pátria colonizadora” (RAMOS; CADORE, 2010, p. 149). A frustração é explicitamente mencionada nas primeiras linhas da segunda parte do livro, que aborda a chegada de Sérgio à capital portuguesa:

quando pus os pés em Lisboa, o rapaz olhou o retrato no passaporte, falei bom dia, nem respondeu, bateu um carimbo e mandou seguir, e já fui desgostando desse sistema, pensei comigo que ele

não devia estar bem dos bofes, mas toquei pra frente, especulei de um e outro e descobri minha mala rodando sozinha numa esteira, arranhada e amachucada, o que me deixou bem nervoso, porque, quando despachei, contra a minha vontade, no Brasil, estava estalando de nova, e receber ela assim, toda estropiada, achei muita desconsideração. (RUFFATO, 2009, p. 39-40).

A forma fria com a qual o agente da imigração dispensa Sérgio em Lisboa, que em tudo contrasta com a distinção que lhe foi dada em sua despedida em Cataguases, somada às condições em que recebe a sua mala na chegada provocam-lhe uma terrível sensação de fragilidade e de insignificância. Essas circunstâncias parecem prenunciar a relação topofóbica que o narrador desenvolverá em relação à capital portuguesa ao longo do romance. Michel Collot, em “Poesia, Paisagem e Sensação”, aponta que a paisagem

está mais ligada ao ponto de vista de um indivíduo, indivíduo a quem o horizonte, ao mesmo tempo, limita e abre para o invisível. Ela confere ao mundo um sentido que não é mais subordinado a uma crença religiosa coletiva, mas, sim, o produto de uma experiência individual, sensorial e suscetível de uma elaboração estética singular. (2015, pág. 18).

Dessa forma, a paisagem de Lisboa, aos olhos do protagonista, de acordo com sua experiência individual, apresenta-se, então, de forma distante, complexa e topofóbica. Durante todos os acontecimentos, Sérgio não vê na capital tudo aquilo que falaram para ele. Na realidade, apenas sente-se sufocado e diminuído, sem esperanças e precisando continuar a trabalhar em um país que é estranho.

Lisboa *cheira* sardinha no calor e castanha assada no frio, descobri isso revirando a cidade de cabeça-para-baixo, de metro, de eléctrico, de autocarro, de comboio, de a-pé, sozinho ou ladeado pela Sheila. Com ela de-guia, visitamos um monte de sítios bestiais,

o Castelo de São Jorge, o Elevador de Santa Justa, Belém (pra comer *pastel*), o Padrão dos Descobrimentos, o Aquário, na estação Oriente... (RUFFATO, 2009, pág. 67, grifos do autor).

Outra parte do desencanto se inicia com o contato do protagonista com as imaginações e os preconceitos a respeito do Brasil e dos brasileiros revelados nas falas dos lisboetas. Logo na chegada, a atendente do aeroporto, de certa forma, reduz todo país ao identificá-lo com as paisagens física, cultural e humana próprias à cidade do Rio de Janeiro:

me percebendo brasileiro, abriu em simpatias, contando de parentes no Rio de Janeiro, um tio, primos etc., e indagou se conhecia a cidade, respondi que, *claro*, ‘Já estive lá umas cinco vezes’, ela suspirou, ‘Ah!’, as praias, o povo, a música, confessando que tinha muita vontade de visitar o país, mas que até aquela ocasião não houve *oportunidade*. (RUFFATO, 2009, p. 40, grifos do autor).

A associação do “jeitinho brasileiro” com a quebra de normas sociais e com a violação da lei é revelada na fala da dona do hotel no qual o protagonista se hospedara, quando ele, tentando ser solidário, permanece na entrada até que ela tomasse o seu posto: “como não havia ninguém no balcão, achei perigoso, *alguém* podia entrar, roubar qualquer coisa, a velha olhou pra mim, com raiva, disse, ‘Isso aqui não é o Brasil não, ó estúpido!’, e voltou a praguejar, brava” (RUFFATO, 2009, p. 43, grifos do autor). Também é possível perceber que a imagem erotizada e sexualizada, difundida desde a carta do Caminha, fixara no imaginário social a ideia de que muitas imigrantes brasileiras são promíscuas ou prostitutas: “Brasileira? Então é rameira” (RUFFATO, 2009, p. 62). A recusa e a falta de identificação que acometem o narrador estão presentes desde a primeira descrição da cidade, para ele, Lisboa é um espaço envelhecido, antiquado e frio:

Passei dormindo meu primeiro dia em Portugal debaixo das cobertas no Hotel do Vizeu, na Madragoa, um bairro antigo pra caramba, de ruínas estreitas e casario maquiado, uma antiguidade tão grande que até as pessoas são passadas, velhas agasalhadas em **xailes** pretos, velhos de boinas de lã subindo-descendo devagar o ladeirame, sem ar, escorados nas paredes, gente extravagante que parece uma noite deitou jovem e acordou, dia seguinte, idosa, cheia de macacoa, vista fraca, junta dolorida, dente molengo, perna inchadas, e, assustados, passaram a desconfiar de tudo, sempre enfezados, resmungando pra dentro, incompreensíveis, respondendo as perguntas com irritação... (RUFFATO, 2009, p. 39, grifos do autor).

Contrariando a noção corrente de que um brasileiro teria como facilitadores, ao migrar para Portugal, a afinidade idiomática e a identificação cultural, para Sérgio, o desconhecimento de determinados códigos sociais e linguísticos é justamente o maior fator de incompreensão e rejeição. Confirmando o enunciado pessoano “a minha pátria é a minha língua”, as distinções entre o português brasileiro (ou o “mineirês”, como afirma Ruffato em entrevista<sup>1</sup>) e o português europeu, na narrativa, acabavam sendo pretextos para humilhações e funcionavam como elementos de segregação:

‘É brasileiro, o **gajo**’, e notei que ele tinha em alta conta o nosso povo, porque de imediato virou e pediu, ‘Enuncie alguma coisa, ó brasileiro, quero ouvir a música da tua fala’, e eu, que nunca cantei, expliquei, ‘Rapaz, sou passarim na muda!’, e ele, curioso, indagou da minha região, porque não compreendia **patavina** do meu sotaque, ‘De Cataguases, Minas Gerais, terra de gente ordeira

---

<sup>1</sup>ESTIVE em Lisboa e lembrei de você – Luiz Ruffato, (S. l.: s. n.), 2009. 1 vídeo (4 min 59 s). Publicado pelo canal Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e9pNaYWFPM>. Acesso em 29 de mar de 2022.



e trabalhadora’, respondi, e ele gargalhou, e os comensais **troçaram**, e até eu ri pra agradar o Poeta. Daí, todas as vezes que me via, requeria que eu palestrassem um pouquinho com o pessoal pra escutar meu **acento** e se divertir, ‘Estes brasileiros!’ (RUFFATO, 2009, p. 50, grifo do autor).

Sobre esse atrito linguístico, cabe ressaltar que, ao mesmo tempo em que vai perdendo as esperanças de acumulação financeira e do laureado retorno a Cataguases, Sérgio começa a incorporar ao seu vocabulário expressões do português europeu. As marcações dessas palavras em negrito exercem a função de destacar, com alguma ironia, para o leitor, esse movimento:

Encontrei a Sheila desacorçoada, o **telemóvel** em cima da mesinha, o maço de cigarro, o cinzeiro, a xícara vazia, os olhos vermelhos lembrando uma menina-colegial que tivesse acabado de perder o namorado, ‘Quê que aconteceu?’ Ela disse que *infelizmente* não podia falar sobre *aquilo*, ‘Um dia, quem sabe’, suspirou, e perguntou se eu podia acompanhar ela a Oeiras, onde ia ter com *uma pessoa*, ‘Faz isso por mim?’ apertando minha mão, aflitiva. Eu respondi que ‘Claro, conte *sempre* comigo’, e, então, mais aliviada, ali mesmo tomamos o **pequeno-almoço**, ela candeando a conversa pra uma estrada baldia. Depois, apressados pela chuvinha miúda, atravessamos a **passadeira** e pegamos o trem na estação de Santos. (RUFFATO, 2009, p. 74, grifos do autor).

Desse modo, como afirma Rita Olivieri-Godet,

o contato com outros referentes culturais termina por favorecer a recomposição identitária. Para representar essa possibilidade de abertura para o diálogo com o outro, a narrativa ruffatiana elege os itinerários cruzados da língua portuguesa como espaço interativo privilegiado. (2012, p. 137).

Antes de completar tal processo de assimilação, o narrador, que passa a ser chamado de Sérgio, diminuído até no nome, cultivava uma relação de amizade com Rodolfo, que, segundo Ruffato<sup>2</sup>, representaria a solidariedade entre os emigrantes. Essa aproximação também é assinalada pela questão da língua:

cumprimentou simpático, levantei, ‘Você é brasileiro?’ confirmou, e, satisfeito, eu disse, ‘Puxa vida, que bom encontrar alguém que fala a mesma língua da gente’, apertamos as mãos, ‘Sérgio de Souza Sampaio, às suas ordens’, apresentei, ‘Rodolfo...’, não entendi o sobrenome, e convidou pra tomar um café, andamos umas duas quadras, paramos num Segafredo, e ele contou que era do interior da Paraíba, esqueci o nome da cidade, e morava em Lisboa. (RUFFATO, 2009, p. 46).

Assim como faz com Rodolfo, o narrador também procura o Brasil em Sheila, parecendo se apegar à prostituta como se aquele relacionamento amoroso fosse a sua última esperança do retorno à pátria. Sérgio chega a propor casamento à moça, porém, ao lado dela, ele acaba por encontrar novamente o fracasso. Enganado pela amada, ele perde até o passaporte, mergulhando no anonimato, na ilegalidade e no subemprego:

percebi sujeira por debaixo daquele angu, e, não tomasse tento, ainda ia derramar problemas no meu colo. Pés e mãos atados, impossibilitado de dar parte na polícia do sumiço da Sheila e do extravio do meu passaporte, imaginei perseguido pelo Senhor Almeida nos **autocarros e eléctricos, metro e comboio**. No desespero, fugi clandestino do Hotel do Vizeu e homiziei no aparta-

---

2 ESTIVE em Lisboa e lembrei de você – Luiz Ruffato, [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (4 min 59 s). Publicado pelo canal Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e9pNaYWFpyM>. Acesso em 29 de mar de 2022.

mento do Rodolfo, na Damaia, até o Jerê conseguir me arrumar uma vaga numa pensãozinha sem nome na Buraca e um emprego de ajudante de pedreiro na construção de um conjunto habitacional na Amadora. (RUFFATO, 2009, p. 83, grifos do autor).

A ligação do narrador com a prostituta brasileira deságua criticamente na “sucessão de bem articulados lugares-comuns e estereótipos a esperteza e a malandragem sempre delineadas nas abordagens da cultura e da sociedade brasileira” (RAMOS; CADORE, 2010, p. 151). Contudo, a existência de Sheila apresenta, sobretudo, mais um “retrato de mais uma vítima do sistema imigratório, do estrangeiro que chega ao novo país buscando oportunidades e depara-se com poucas chances. Sua profissão, de certa forma, já evidencia o lugar marginal que pode ocupar na capital portuguesa” (RAMOS; CADORE, 2010, p. 151).

A viagem sem retorno de Sérgio acaba por descrever a migração ilegal na capital portuguesa como uma vivência bastante solitária, violenta e profundamente marcada pela desigualdade. Tanto o interior de Minas Gerais quanto a Lisboa cosmopolita são apresentados de forma crua pela personagem. O título *Estive em Lisboa e lembrei de você* evoca a experiência prazerosa do turista, mas o que se lê é o desespero das vítimas das novas formas de exploração, que, fugindo de suas origens, “terminam enredadas no labirinto de uma urbe monstruosa que, como qualquer outra metrópole, alimenta-se da desestruturação dos indivíduos desvalidos” (OLIVIERI-GODET, 2012, p. 133). Estar em Lisboa também faz lembrar o Brasil. Os deméritos, os preconceitos e a intolerância constantemente enfrentados e denunciados pelo narrador, de certo modo, atam as duas pontas da sua vida, a falta de oportunidades e as humilhações advindas da subalternização estão presentes tanto no “chão perdido” como no “chão encontrado”. Assim como Sérgio, os outros imigrantes que cruzam o caminho do narrador deixaram os seus países pelo mesmo

motivo: a procura por uma vida melhor, na esperança de acumular algum dinheiro e voltar ao seu lugar de origem para ajudar aqueles que amam. O que eles encontram, no entanto, é a exclusão:

O Rodolfo avivou a conversa, ‘Nós estamos lascados, Serginho’, aqui em Portugal não somos nada, ‘Nem nome temos’, somos os *brasileiros*, ‘E o que a gente é no Brasil?’, nada também, somos *os outros...* (RUFFATO, 2009, pág. 78, grifos do autor).

Essa, talvez, seja a paisagem mais recorrente nas obras de Ruffato: uma profunda e crítica cartografia do desconforto provocado pelo vazio entre um passado desolador a ser esquecido e a desditosa busca de um futuro melhor em outro lugar.

Em “A seda do lenço”, ensaio de *A mecânica dos fluidos*, Eduardo Prado Coelho faz comentários sobre a narrativa de Clarice Lispector que também poderiam ser aplicados em relação à obra de Ruffato, uma vez que ambos costumam demonstrar como sensações, experiências e acontecimentos podem produzir uma nova visão ou uma versão do mesmo espaço. Cada uma dessas visões ou versões se uniria a outras, ou, nas palavras do ensaísta, se comportaria como se fosse um bloco, que se soma a outro, mas nenhum lastro se define: “bloco a bloco, cada bloco justapõe-se, condensa-se na sua matriz, abre e fecha um ciclo de vida, traz um conhecimento nómada que nunca se acumula num saber da experiência” (COELHO, 2010, p. 94). Nesse contexto, narrar viagens em que a geografia externa e a geografia interna perpassam uma pela outra, fundem-se e se confundem, contar espaços de afeto, de reflexão e de epifania, não seria exatamente sobrepor descrições e fatos, mas expandir o olhar sobre as relações, as interações entre as pessoas na cidade e com a cidade, alargá-lo, progressivamente, como “o impacte da pedra ao cair na água” (COELHO, 2010, p. 94). Tanto em *A hora da estrela* quanto em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, os dramas vividos pelos protago-

nistas nos lembram que os dramas vividos pelos protagonistas nos lembram que a dor da invisibilidade e da marginalização é a mesma em todo o mundo. Como no verso do poema de Miguel Torga, são mesmo muitas as “milhas de angústia no mar da saudade!”

RECEBIDO: 28/11/2023 APROVADO: 21/04/2023

## REFERÊNCIAS

COELHO, Eduardo Prado. A seda do lenço. In: COELHO, Eduardo Prado. *A mecânica dos fluidos/A noite do mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

COLLOT, Michel. Poesia, Paisagem e Sensação. Tradução: Fernanda Coutinho. *Revista de Letras*, Fortaleza, vol. 1, n. 34, p. 17–26, jan./jun 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2401>. Acesso em: 19/05/2023.

ESTIVE em Lisboa e lembrei de você – Luiz Ruffato, (S. l.: s. n.), 2009. 1 vídeo (4 min 59 s). Publicado pelo canal Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e9pNaYWFPyM>. Acesso em 29 de mar de 2022.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

MARANDOLA Jr., Eduardo. “Viagens por paisagens: experiências do sentir e do querer”. In: *Colóquio Internacional e Interdisciplinar Literatura e Paisagem: estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa; Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, na França e em Portugal*, II, 2013, Rio de Janeiro, Niterói.

OLIVIERI-GODET, Rita. “Entre o chão encontrado e o chão perdido”: Estive em Lisboa e lembrei de você, de Luiz Ruffato. *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, Minas Gerais, v. 22, n. 3, p. 131-138, set./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.22.3.131-138>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18504>. Acesso em: 19/05/2023.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CADORE, Amanda. “Desamores Expressos – Estive em Lisboa e lembrei de você”. In: *Navegações*. v. 3, n. 2, p. 148-153, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/8434>. Acesso em: 19/05/2023.

RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Edição do Kindle.

SAID, Edward W. *Fora do Lugar: Memórias*. Editora São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

### **MINICURRÍCULO**

**ANDREIA CASTRO** é Professora Adjunta de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ (2019). Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2017). Mestra em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010). Graduada em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa - pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Licenciada em Letras pela Universidade Cândido Mendes (2009). Membro do Polo de Pesquisa de Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura. Membro associado ao Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

**JÚLIA GARCIA SANTOS** é Graduanda em Letras - Português e Francês - pela Universidade Federal Fluminense. Faz Iniciação Científica com a professora Andreia Castro, no projeto “Escritoras portuguesas na imprensa periódica do Brasil: laços transatlânticos feministas (1890-1930)”. Membro do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, sediado no Real Gabinete Português de Leitura.